

ARTE

GRASSMANN

Guerreiro com elmo: uma constante na gravura de Grassmann

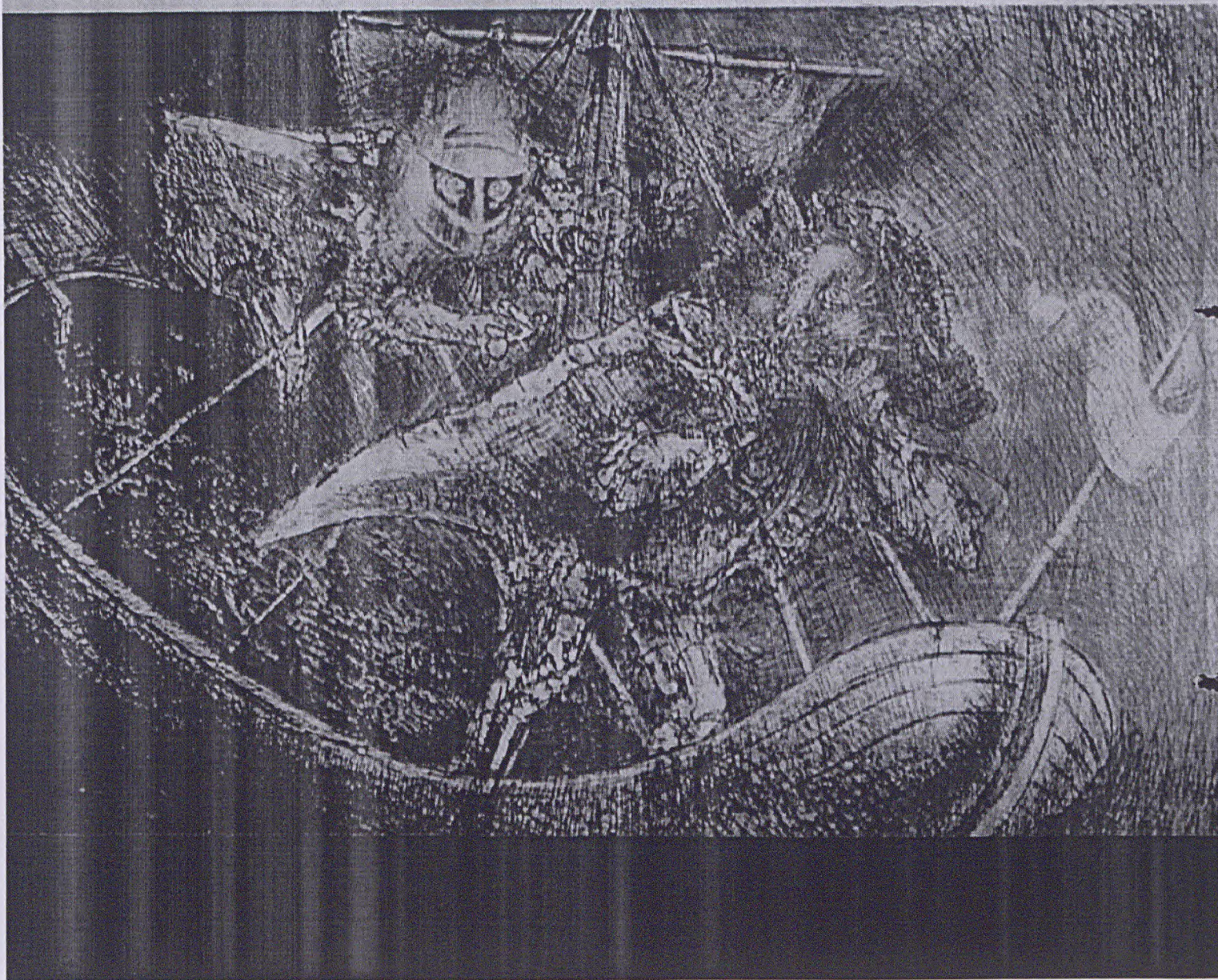


Um navio fantasma de 1967, gravado em metal, e o artista no atelier do bairro da Pedreira

O gravador Marcelo Grassmann, com apenas 44 anos, acaba de receber do governo do Estado de São Paulo uma pensão vitalícia. Na semana passada, a Pinacoteca do Estado, ao adquirir uma coleção de toda a obra gravada do artista (ao todo, 387 cópias) pagando somente 40 cruzeiros novos por exemplar, comprometeu-se a comprar ao preço normal (de 200 a 400 cruzeiros novos) cada nova gravura de Grassmann, a título de compensação. Com isso, o governo de São Paulo reconhece oficialmente a obra de um artista — pela primeira vez na história das artes plásticas brasileiras —, preservando-a para a posteridade, e abre caminho à mesma regalia para outros artistas (como a pintora Tarsila do Amaral, por exemplo). O resultado dessa transação vantajosa para ambas as partes pode ser visto agora, na exposição montada pelo Museu de Arte Moderna, no Parque Ibirapuera,

antes de seguir para o Rio, Belo Horizonte e Brasília, a partir de março do próximo ano. As gravuras cobrem 25 anos de intimidade de Marcelo Grassmann com a madeira, a pedra e o metal, para a criação de xilogravuras (de 1944 a 1954), litogravuras (entre 1949 e 1950) e águas-fortes (de 1960 até hoje).

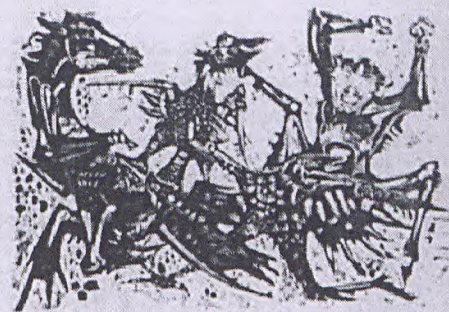
A fonte inesgotável — Apesar de autodidata nessas três técnicas, Marcelo soube criar uma obra de grande envergadura, perturbadora e agressiva nos seus temas, garantindo-lhe um lugar de destaque entre os representantes da arte fantástica no Brasil. “Todos temos um mundo limitado e acabamos dando voltas sobre nós mesmos”, diz o artista para explicar que os motivos escolhidos para a sua obra têm sido mais ou menos os mesmos desde o início, em 1944, quando tinha dezenove anos e começou a chamar a atenção do público e da crítica



tica. Mas Grassmann acha que, apesar dessa constância aos temas, não está se repetindo, porque a fonte de inspiração é inesgotável e oferece sempre novas formas de expressão. Essa fonte de que fala Grassmann é uma imaginação fecunda que há 25 anos vem criando monstros e fantasmas, ou guerreiros com elmos e cavaleiros armados de escudo e lança para defender os anjos e as donzelas que aparecem em alguns trabalhos. Tanto na gravura como nos desenhos — em que ele também é mestre —, os temas de pesadelo, fantasia e alucinação o aproximam do mundo fantástico de Bosch, Goya e Ensor, artistas estrangeiros que o influenciaram, bem como do brasileiro Oswaldo Goeldi (1895-1961), para Grassmann, "uma espécie de mentor intelectual".

A dimensão internacional — Na pequena casa do distante bairro da Pedreira,

em São Paulo, onde vive modestamente com sua mulher Sônia e o filho Paulo, de nove anos, Grassmann confessa essas influências — que não chegam a comprometer a linguagem pessoal de sua obra — com a mesma naturalidade com que conta as dificuldades do início da carreira, quando a gravura tinha pouca aceitação e ele precisava dar aulas particulares e mais tarde lecionar desenho e gravura na Fundação Armando Álvares Penteado. Os tempos começaram a melhorar a partir de 1955, quando o prêmio que ganhou na Bienal de São Paulo o projetou internacionalmente, garantindo outros prêmios nas bienais de Veneza e Paris, ao mesmo tempo que lhe abriu o caminho para exposições no exterior. Agora, com a pensão que lhe deu o governo de São Paulo, Grassmann pode trabalhar mais tranquilamente nos desenhos e gravuras que o fizeram ultrapassar as fronteiras do Brasil. ○



Os monstros começaram a aparecer nas gravuras em madeira da fase encerrada em 1954

